

# Revolução

## Estabelecimento de uma nova ordem ou volta às origens

Milton Meira do Nascimento

MILTON MEIRA DO NASCIMENTO  
é professor de Ética e Filosofia  
Política do Departamento de  
Filosofia da FFLCH da USP e autor  
de "Opinião pública e revolução"  
(Nova Stela/Edusp).

Neste breve ensaio, tentaremos analisar algumas questões relativas à idéia de revolução que podem conduzir-nos a pensá-la como o estabelecimento de uma nova ordem, uma virada radical na estrutura da sociedade e ao mesmo tempo como uma tentativa de se retomar o espírito de fundação, uma volta às origens. Na verdade, as revoluções políticas sempre se apresentaram nessa perspectiva, isto é, ao mesmo tempo em que se instaura uma nova forma de vida social e política, estabelece-se todo um imaginário de uma espécie de restauração do equilíbrio, da recuperação de algo perdido no passado e que devia ter sido o orgulho dos nossos ancestrais. A esse propósito, quando pensa a Revolução de 1848 na França, Marx afirma:

"Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada. Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789-1814 vestiu-se alternadamente como a república romana e como o império romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor do que parodiar ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793-1795"<sup>(1)</sup>.

Marx não podia imaginar que os protagonistas da Revolução de Outubro iriam mais uma vez retomar a de 1789 naquilo que ela oferecia como promessa de realização futura. O que a Revolução Francesa havia anunciado se realizava enfim. E o que é mais interessante ainda, as revoluções vindouras tomariam 1917 como o marco de fundação de uma nova era, a do triunfo da revolução socialista no mundo inteiro. Assim, se 1789 acena para a antigüidade romana, 1848 para 1789, 1917 retoma 1789 e as revoluções do nosso século não poderão ser assim chamadas se não tiverem como ponto de referência 1917. Como diz François Furet, "1789 funda precisamente não um estado estável, mas um movimento cuja lógica é a da sua ultrapassagem. As duas lutas pela democracia e o socialismo são duas configurações sucessivas de uma dinâmica da igualdade cuja origem é a Revolução Francesa. Assim, constituiu-se uma visão, uma história linear da emancipação humana, cuja primeira etapa era a eclosão e a difusão dos valores de 89, e a segunda devia completar a promessa de 89, através de uma nova revolução, desta vez socialista"<sup>(2)</sup>. A partir de 1917, a Revolução Francesa "se torna a mãe de um acontecimento real, datado, registrado"<sup>(3)</sup>. O que estava prefigurado, anunciado, realiza-se finalmente. E a própria historiografia sobre a Revolução Francesa, de Mathiez a Soboul, passa a tratá-la salientando aqueles aspectos que já prenunciavam Outubro de 1917. Sobre a Revolução Russa, talvez pudéssemos dizer o mesmo que Marx sobre a Segunda Revolução Francesa: "A ressurreição dos mortos nessas revoluções tinha, portanto, a finalidade de glorificar as novas lutas e não a de parodiar as passadas; de engrandecer na imaginação a tarefa a cumprir, e não de fugir de sua solução na realidade; de encontrar novamente o espírito da revolução e não o de fazer o seu espectro caminhar

(1) Marx, K., *O 18 brumário e Cartas a Kugelmann*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pp. 17-18.

(2) Furet, François, *Penser la Révolution française*, Paris, Gallimard, p. 18.

(3) Idem.

outra vez"<sup>(4)</sup>. É preciso reconhecer, no entanto, que não é nada fácil, no processo revolucionário, distinguir entre a paródia do passado e o seu uso para exaltar o ânimo revolucionário, entre encontrar o espírito da revolução e fazer o seu espectro caminhar novamente.

Se, por um lado, os protagonistas da revolução se sentem na necessidade de evocar o passado, por outro, sua tentativa de iniciar uma nova etapa a partir de um marco zero abre-lhes a perspectiva de modelarem um projeto futuro. Toda revolução traz em si uma perspectiva finalista, aliada a um determinismo histórico. Já em Saint-Just isso aparecia com muita clareza. "A Europa, diz ele, marcha a passos largos rumo à sua revolução e todos os esforços do despotismo não a impedirão de forma alguma. O destino, que é o espírito da loucura e da sabedoria, apresenta-se através dos homens e conduz tudo a seu termo. A revolução não é em absoluto um golpe de momento, ela tem suas causas, sua seqüência, seu fim"<sup>(5)</sup>. Como apontava Furet, Outubro de 1917 aparece, para uma grande maioria de historiadores marxistas da Revolução Francesa como o coroamento do ideal de liberdade e igualdade, depois das várias tentativas frustradas na França do século XIX.

Como romper a ótica finalista tão bem expressa por Saint-Just no texto acima citado ou então, como permanecer no finalismo mas abandonando o passado. Em outros termos, como pautar a revolução em função de um projeto futuro. Esta era uma exigência fundamental para Marx. "A revolução social do século dezenove não pode tirar sua poesia do passado, e sim do futuro. Não pode iniciar sua tarefa enquanto não se despojar de toda veneração supersticiosa do passado. As revoluções anteriores tiveram que lançar mão de recordações da história antiga para se iludirem quanto ao próprio conteúdo. A fim de alcançar seu próprio conteúdo, a revolução do século dezenove deve deixar que os mortos enterrem seus mortos. Antes a frase ia além do conteúdo: agora é o conteúdo que vai além da frase"<sup>(6)</sup>. O que dizer então das revoluções do século XX? Podemos afirmar a mesma coisa ao contemplarmos a Revolução de Outubro? Devemos deixar que os mortos enterrem seus mortos? Este é o primeiro ponto da nossa exposição, e voltaremos a ele mais adiante.

A segunda questão, ligada diretamente à primeira, diz respeito ao conjunto do corpo doutrinário que funciona como a força justificadora do processo revolucionário. A volta às origens aqui tem um outro sentido. Trata-se de se reencontrar o verdadeiro sentido da sociedade, da história, dos homens enquanto indivíduos isolados e enquanto membros de uma comunidade política.

Para os protagonistas de 89, tratava-se de pautar a vida pela natureza. Com a proclamação da República una e indivisível impõe-se uma mudança radical, sempre tomando como modelo a ordem natural. A República passa a ser considerada como o sistema político mais apropriado para o desenvolvimento da natureza do homem. Em contrapartida, a monarquia seria a expressão acabada de uma forma de governo antinatural. As formas de dominação são pensadas como desvios do verdadeiro caminho traçado pela natureza, que possui leis inflexíveis. Compete aos homens de letras e às lideranças políticas interpretá-las adequadamente. E quando se tratava de buscar dentre os filósofos aqueles que melhor haviam contribuído para que os homens encontrassem o seu verdadeiro lugar na natureza, Rousseau é, de longe, aquele que será mencionado com maior freqüência, transformando-se logo no patrono da revolução. Embora a exigência de uma volta à natureza, para o cidadão de Genebra, não tivesse o sentido literal de abandono do estado de vida em sociedade, para os republicanos, seria necessário ao menos tentar pautar a vida do povo francês sobre os moldes da natureza e de suas leis. A mudança do calendário teve esse espírito. Na proposta de Fabre d'Églantine, os meses seriam nomeados segundo as estações e cada dia seria dedicado a um elemento da economia rural, um instrumento da agricultura, uma planta, uma fruta e assim por diante<sup>(7)</sup>.

O ideal de igualdade também é pensado como um ensinamento da natureza. Os homens são iguais por natureza. Mas no debate que se trava em torno da questão do direito de propriedade e da lei agrária, sobre a melhor forma de se dividir a terra, nem sempre houve acordo entre os revolucionários. Enquanto os jacobinos defendiam o direito de propriedade como um dos direitos fundamentais do homem, intocável, portanto, outros grupos procuravam ir mais além. Para a associação do Círculo Social, fundada por Nicolas de Bonneville e Claude Fauchet, era necessário que houvesse uma divisão mais justa das propriedades. A igualdade não deveria ser apenas de direito, mas também de fato. Para a defesa desse ideal, os membros do Círculo Social retomam a tradição do povo franco, que tinham o costume de redistribuir as terras equitativamente todos os anos, para impedir que os grandes estendessem seus domínios e os pobres não tivessem para onde ir e para que o povo mantivesse o espírito de igualdade e não se acomodasse com a fixação num só lugar, o que poderia conduzi-lo a toda espécie de vícios e deixá-lo despreparado para a guerra<sup>(8)</sup>. Além disso, entre o povo franco, a divisão igualitária da terra era seguida de um culto à natureza, pois os francos reconheciam nela o próprio espírito criador, o pai de toda espécie huma-

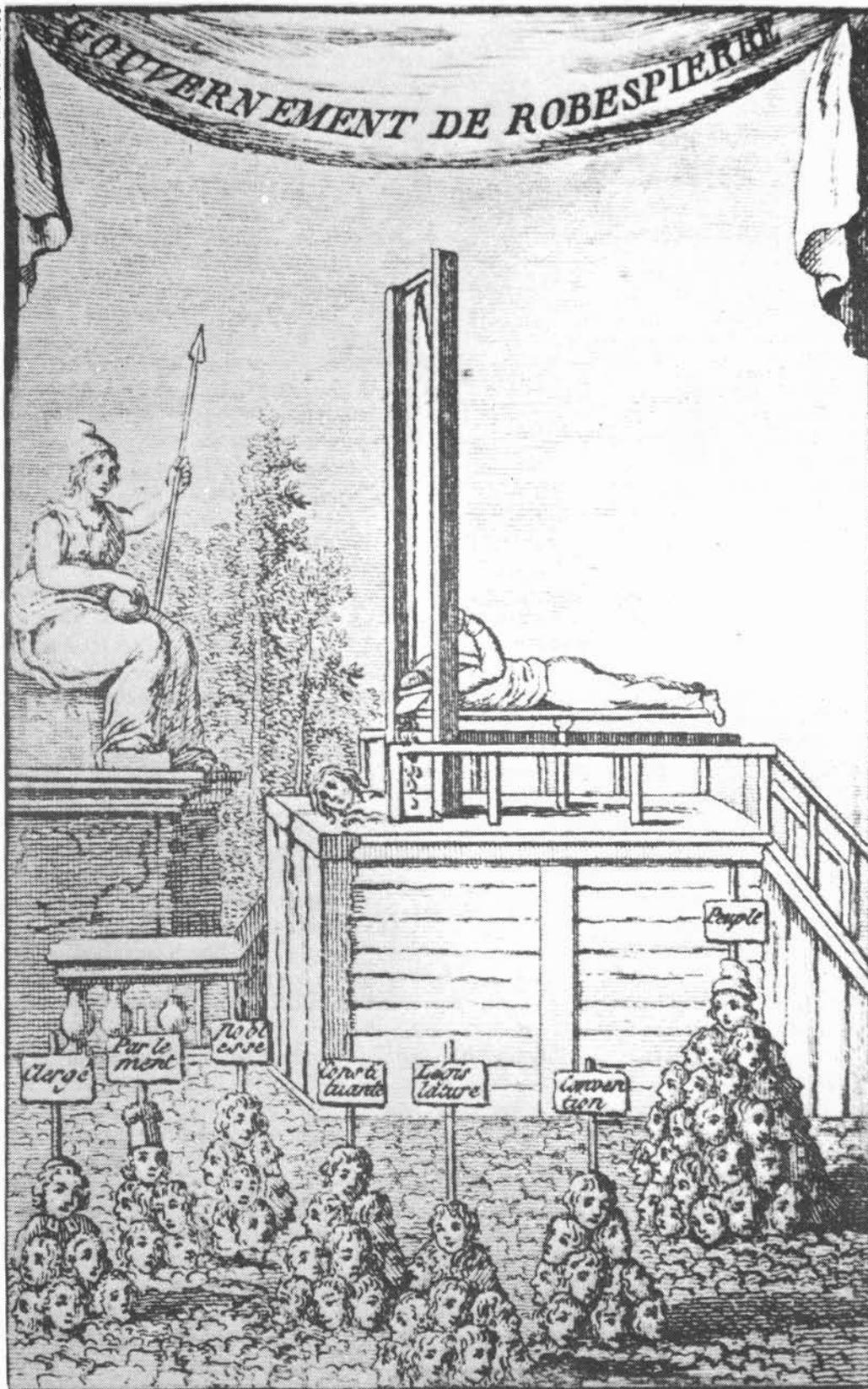
(4) Marx, K., *Op. cit.*, p. 19.

(5) Saint-Just, Louis-Léon de, *L'Esprit de la Révolution*, Paris, Union Générale d'Éditions, 1963, p. 13.

(6) Marx, K., *Op. cit.*, p. 20.

(7) Fabre d'Églantine, *Calendrier de la République une et indivisible*, Paris, Convention Nationale, 1794.

(8) Bonneville, N., *De L'Esprit des Religions*, Paris, Imprimerie du Cercle Social, 1791, p. 53.



Caricatura anti-robepierrista cuja ênfase é que a maior parte das vítimas do Terror vinha do "povo"

na, que lhe oferecia o pão todos os dias e a esperança de uma vida feliz. O nome da natureza, segundo Bonneville, é o mesmo do Deus de Abraão, *Jehova*, aquele que é. Diz ele: "Aceitai pois em vossa consciência a explicação simples e natural do nome *Jehova*, que, proclamado no universo inteiro por um povo livre, instrumento da verdade, deve enfim consolar a espécie humana e afastar dos homens todos os vícios. *Jehova, Jehova!* Os homens íntegros te prestam um culto eterno. Teu nome é a palavra de ORDEM e a LEI dos Francos... AGRÁRIA"<sup>(9)</sup>.

Tudo isso assustava os jacobinos, pois a referência a uma lei agrária à moda antiga significava a repartição periódica da terra. O recurso à tradição de igualdade do povo franco não dava chances de refutação aos jacobinos. E a afirmação de que a própria divindade exigia a divisão igualitária da terra dava a essa proposta uma dimensão extraordinária. Nesses termos, fazer a verdadeira revolução significava fazer o povo francês redescobrir as suas origens, que remontam à história do povo franco.

É bom lembrar que o culto à natureza será recolocado na ordem do dia por Robespierre, ao propor o culto ao ser supremo e ao condenar toda e qualquer forma de ateísmo. Ser revolucionário significava também uma militância religiosa, não na forma tradicional da igreja oficial, mas de uma religião de estado. Conseqüentemente, todo militante devia guiar-se por um catecismo revolucionário. Os apelos da revolução são considerados como apelos da natureza. Sua marcha é inexorável. Ou se acompanha a vaga revolucionária ou se é engolido por ela. Há um outro texto de Saint-Just que ilustra bem esta questão. "As revoluções são menos um acidente das armas do que um acidente das leis. Há vários séculos a monarquia nadava no sangue e não se dissolvia. Mas existe uma época na ordem política em que tudo se decompõe por um germe secreto de destruição; tudo se deprava e degenera; as leis perdem sua substância natural e enlanguescem; então, se algum povo bárbaro se apresentar, tudo cede ao seu furor, e o Estado se regenera pela conquista. Se ele em absoluto não for atacado por forças estrangeiras, sua corrupção o devora e o reproduz. Se o povo abusou de sua liberdade, cai na escravidão; se o príncipe abusou do seu poder, o povo está livre"<sup>(10)</sup>. Tudo se passa como se houvesse um processo natural de destruição e de recomposição. O revolucionário autêntico é aquele que conhece a fundo esse processo e o acompanha em todos os seus movimentos.

Do ponto de vista doutrinário, a tradição marxista da teoria da revolução também passa pelo eixo de uma ação revolucionária que deve incidir sobre um processo em marcha independente da vontade dos homens. O importante é saber o momento exato para a atuação decisiva na ajuda para o aceleração do processo revolucionário. Começemos por Engels. "Fora precisamente Marx quem primeiro descobriu a grande lei da marcha da história, a lei segundo a qual todas as lutas históricas, quer se processem no domínio político, religioso, filosófico ou qualquer outro campo ideológico, são na realidade apenas a expressão mais ou menos clara de lutas entre classes sociais, e que a existência, e portanto também os conflitos entre essas classes são, por seu turno, condicionados pelo grau de desenvolvimento de sua situação econômica, pelo seu modo de produção e pelo seu modo de troca, este determinado pelo precedente. Essa lei – que tem para a história a mesma importância que a lei da transformação da energia tem para as ciências naturais – forneceu-lhe, aqui também, a chave para a compreensão da história da Segunda Revolução Francesa. Marx aplicou sua lei a esta história, e mesmo depois de decorridos trinta e três anos temos ainda que admitir que ela resistiu brilhantemente à prova"<sup>(11)</sup>. Engels escrevia estas linhas em 1885. E a tradição marxista continua a afirmar que esta lei continua resistindo a todas as provas até hoje.

Diante desta lei implacável da história, não há nada a fazer senão curvar-se diante dela. Lembremos mais uma vez a frase de Marx, "os homens fazem a história, mas não a fazem como querem". Em outras palavras, eles fazem a história cujas leis já estão dadas e das quais não se pode afastar sob pena de se estar cometendo um erro grosseiro ou então agindo num momento errado, inoportuno. A ação revolucionária não consiste, portanto, em mudar os rumos da história, mas em acompanhar suas leis. Mudar os rumos da história, isto sim, seria desviar-se do caminho traçado. Ainda para ilustrar essa concepção determinista da história, retomemos um outro texto de Marx: "O comunismo, como superação positiva da propriedade privada, enquanto *auto-alienação do homem* ... é o enigma resolvido da história"<sup>(12)</sup>.

A ação revolucionária incide sobre essa lei da história assim como o machado deve atuar sobre o veio da madeira. A reflexão de Lênin a esse respeito parece decisiva para a compreensão da teoria marxista da revolução: "Para um marxista, está fora de dúvida que a revolução é impossível sem uma situação revolucionária, mas nem toda situação revolucionária leva à revolução. Quais são, de uma maneira geral, os indícios de uma situação revolucionária? Estamos certos de não nos enganarmos indicando os três indícios principais seguintes: 1) impossibilidade para as classes dominantes de manterem sua dominação sob uma forma inalterada; crise do 'vér-

(9) Idem, p. 52.

(10) Saint-Just, *Op. cit.*, p. 15.

(11) Engels, F., *Prefácio da 3ª edição do 18 brumário*, in Marx, K., *Le Brumaire*, Paris, Ed. Sociales, 1969, p. 14.

(12) Marx, K., *Manuscritos econômico-filosóficos*, São Paulo, Ed. Abril, 1978, p. 8.

... tice', crise da política da classe dominante, o que cria uma fissura pela qual os descontentes e a indignação da classe oprimida se abrem um caminho. Para que a revolução estoure não é suficiente, habitualmente, que 'a base não deseje mais' viver como antes, mas é necessário que o cume não o possa mais; 2) agravação, mais do que é comum, da miséria e do desespero das classes oprimidas; 3) intensificação acentuada, pelas razões indicadas acima, da atividade das massas, que se deixam pilhar tranqüilamente nos períodos 'pacíficos', mas que, no período tempestuoso, são empurradas, seja pela crise no seu conjunto, seja pelo próprio 'vértice', para uma ação histórica independente. Sem essas transformações objetivas, não só independentes da vontade destes ou daqueles grupos e partidos, mas também de tais ou quais classes, a revolução é, em regra geral, impossível"<sup>(13)</sup>.

E Lênin acrescenta que, mesmo havendo uma configuração bem nítida de uma situação revolucionária, nem sempre acontece a revolução. "Por quê? porque a revolução não surge de toda situação revolucionária, mas somente no caso em que, a todas as transformações objetivas enumeradas acima, se acrescenta uma transformação subjetiva, ou seja, a capacidade, no que diz respeito à classe revolucionária, de conduzir ações revolucionárias de massa bastante vigorosas para destruir completamente (ou parcialmente) o antigo governo, que não cairá jamais, mesmo em épocas de crises, se não for 'compelido a cair'"<sup>(14)</sup>.

Não basta, segundo Lênin, qualquer ação espontânea das massas, mas é importante que essa ação seja a melhor possível, a única que se impõe para o aceleração do processo revolucionário. Ela exige também um grande conhecimento das condições objetivas. Aqui surge um dado interessante da reflexão leninista, o da maneira pela qual o povo assimila o processo que se desenvolve à sua volta. "Toda revolução representa uma virada brusca na vida das grandes massas do povo. Se esta virada não estiver devidamente amadurecida, não será possível uma verdadeira revolução. E, assim como toda virada que acontece na vida de um indivíduo o ensina e o faz viver e sentir muitas coisas, a revolução infunde no povo todo, em pouco tempo, os mais profundos e preciosos ensinamentos. Em tempos revolucionários, milhões e milhões de homens aprendem numa semana mais do que num ano inteiro de vida rotineira e sonolenta"<sup>(15)</sup>. De tal modo que, poderíamos dizer que, no limite, quase que seria dispensável a ação das lideranças, do partido. Sua função, para retomarmos a imagem do machado no veio da madeira, está determinada pelas leis do processo histórico. Neste sentido, fazer a revolução é voltar-se, curvar-se às leis implacáveis da história. Assim, a revolução permanente, pensada inicialmente por Proudhon e depois retomada por Trotski, nada mais é senão uma tentativa angustiada de acompanhar o veio da história sem desviar-se um só instante sob pena de estragar tudo.

Dito isto, o que pensar das revoluções posteriores a 1917, principalmente todas aquelas de conteúdo marxista e que tomaram a Revolução de Outubro como o seu símbolo e modelo da verdadeira revolução, aquela que lançaria as bases definitivas para destruição de todo processo de dominação?

1789 havia ficado inacabada. Dela podia-se dizer que cedo ou tarde seus ideais teriam que ser realizados, mas da maneira como haviam pensado os revolucionários que haviam sido devorados por ela. E 1917? Esta foi muito bem sucedida. Tudo o que estava prenunciado em 89 os protagonistas da Revolução Russa se consideravam a ponto de realizar. Feita a revolução, o que restaria para o futuro? Como poderiam os homens do século XX pensar em qualquer revolução sem se reportarem a 1917? Aqui, a dificuldade em deixar que os mortos enterrem seus mortos se apresenta de uma maneira bem delimitada. 1917 não abre a perspectiva para nenhum projeto para o futuro. Ela é o próprio futuro da humanidade livre. É como se a verdade sobre a revolução se esgotasse em 1917. E essa verdade continua a modelar as ações de todos os revolucionários das últimas décadas. O retorno às origens se realiza tanto no plano do tempo histórico como no plano doutrinário. Ou seja, se não procedermos tal como os protagonistas da Revolução de Outubro e segundo a sua perspectiva doutrinária, estaremos longe da realização de algo parecido com a verdadeira revolução.

Mais do que nunca, para nós que herdamos a Revolução de Outubro, a tradição opreme como um pesadelo nossos cérebros. Os espectros de 1917 caminham entre os revolucionários das novas gerações. As frases continuam para além dos conteúdos. Talvez porque não há, ou quase não há mais nenhum conteúdo novo nas propostas revolucionárias das últimas décadas. De duas uma: ou os espectros de 1917 se tornaram tão familiares a nós que não damos muita importância a eles ou, então, o tempo já começa a desfigurá-los também a ponto de se tornarem irreconhecíveis. Talvez por isso seja tão difícil recolocar na ordem do dia os grandes projetos revolucionários. Enquanto se esgotam as lembranças do passado, faltam novos conteúdos, faltam projetos para o futuro. Parodiando Marx, até quando a revolução do século XX continuará tirando a sua poesia do passado? Os militantes modernos, ou o que restou deles, têm, no entanto,

(13) Lênin, V.I., *La bancarrota de la II Internacional*, in *Obras Escogidas*, Moscou, Editorial Progreso, 1976, pp. 226-227.

(14) *Idem*, p. 227.

(15) Lênin, Artigo publicado em 8, 9 e 30 e 31 de Outubro de 1917 in *Rabochi (Pravda)*, in *Obras Escogidas*, Editorial Problemas, Buenos Aires, 1946, p. 91.

uma justificativa para isso. E que os ideais de 1917 não foram totalmente realizados, houve desvios daquela que deveria ter sido a verdadeira revolução redentora da humanidade.

Assim, mais uma vez se cria a imagem de um modelo abstrato da verdadeira revolução que ainda não se realizou, mas que um dia realizar-se-á, quando os homens tiverem reencontrado a chave do conhecimento das leis da história. Quem sabe um dia os homens consigam realizar o sonho de Robespierre, ou seja, realizar a revolução que é a "guerra da liberdade contra seus inimigos"<sup>(16)</sup>. Porque a liberdade política, para citar aqui Hannah Arendt, "perdeu-se quando o espírito da revolução – um novo espírito e o espírito de começar algo de novo – não conseguiu encontrar a sua instituição apropriada. Não há o que possa compensar este fracasso ou obstar a que ele se torne definitivo, exceto a memória e a recordação"<sup>(17)</sup>.

(16) Robespierre, M., "Des principes du gouvernement révolutionnaire" – 25/2/1793 in *Les grands orateurs républicains – Robespierre*, Monaco, Éditions Hemera, 1949-1950, p. 177.

(17) Arendt, Hannah, *Sobre a Revolução*, Lisboa, Moraes Editores, trad. de I. Morais, 1971, p. 275.

Banco de Dados



O cineasta francês, Abel Gance, no papel de Saint Just no seu próprio filme, "Napoleon" (1927)